



Um estudo sobre o uso do papel nos livros da Editora Cosac Naify

A study on the use of paper on books published by Cosac Naify

Gabriela A. F. Oliveira, Hans N. Waechter

design editorial, papel, projeto gráfico, livros

Diante da reestruturação do mercado editorial nos últimos anos, é necessário que os designers deem mais atenção à materialidade do livro. Em um mundo cada vez mais digital, o papel pode ser um fator determinante para a longevidade do livro. Este artigo tem como objetivo analisar e discutir como o papel pode ser utilizado como elemento comunicante, através de suas características e propriedades, em cinco livros selecionados da Editora Cosac Naify.

editorial design, paper, graphic project, books

Facing the restructure of editorial market over the last years, designers must give more thought to books' materiality. In a world growingly digital, paper might be a decisive factor for books' longevity. This paper aims to analyze and argue about how paper can be used as element of communication through its characteristics and properties in five selected books from publisher Cosac Naify.

1 Introdução

O livro é um artefato simbólico, mais do que um suporte para guardar informações. Sua longa história fez com que fosse de rolos a códices, e o papel, de tábuas de argila à folha que conhecemos. A chegada de novas mídias, como os *e-readers*, não substituirá o livro, mas faz com que ele seja recontextualizado.

Atualmente, as características do papel passam despercebidas, pois tem sua consciência anestesiada, devido à presença no cotidiano (DOCTORS, 1999), sobretudo para os designers. Em geral, projetar um livro impresso não é feito de modo que a materialidade do artefato seja um comunicante. Com este artigo, pretende-se despertar a atenção dos designers de livros e estudantes para a escolha do papel como um fator relevante, relacionado ao conteúdo da publicação. Assim, o papel será projetado além do mero suporte, uma vez que pode comunicar por si uma forma de conteúdo.

2 Seleção do corpus analítico

Foram escolhidas edições já publicadas de obras de variados gêneros. Em análise preliminar, observamos que poucos projetos gráficos utilizavam o papel de maneira expressiva. A pesquisa destacou a editora Cosac Naify, com livros em seu catálogo que se utilizam de papéis especiais - sobretudo livros das seções infanto-juvenil e literatura.

Desse modo, o recorte se constituiu de obras da editora: entre os 57 livros observados, foram encontrados 26 tipos de papéis, dos mais distintos aos mais comuns, de diferentes gramaturas. Para análise, foram escolhidas 5 obras (Figura 1) em que o papel possui relevância no projeto gráfico – 3 de Literatura, 1 de Infantojuvenil e 1 de Design –, que são:

Literatura

Livro I | A Fera na selva, de Henry James

Livro II | O livro amarelo do terminal, de Vanessa Barbara

Livro III | Zazie no metrô, de Raymond Queneau

Infantojuvenil

Livro IV | Na noite escura, de Bruno Munari

Design

Livro V | Design para um mundo complexo, de Rafael Cardoso.

Figura 1: Corpus analítico.



3 Definições de análise

Baseado em Falcão & Aragão (2012), criou-se uma ficha para estudar a relação entre o projeto gráfico e o conteúdo – com foco no papel. Dividida em quatro partes (Figura 2), visa sistematizar os aspectos materiais e semânticos que compõem o livro enquanto objeto. Em **ficha técnica**, constam informações gerais e palavras-chave atribuídas a partir da sinopse. Observar as **características gráficas de produção** foi fundamental para que os demais elementos do projeto gráfico fossem considerados na análise. As **características do papel** analisam os aspectos de sua produção e sua aplicação nos projetos. Por fim, em **características conceituais** há uma breve explicação que relaciona o conteúdo ao projeto gráfico e papéis utilizados.

Figura 2: Ficha de análise.

FICHA DE ANÁLISE DO LIVRO			
1. FICHA TÉCNICA		2. CARACTERÍSTICAS GRÁFICAS DE PRODUÇÃO	
TÍTULO	FORMATO	CAPA	MIOLO
AUTOR	TIPOGRAFIA PRINCIPAL	PAPEL	PAPEL
ANO	IMPRESSÃO	GRAMATURA	GRAMATURA
DESIGNER	MANCHA GRÁFICA	OBSERVAÇÕES	COR
EDITORIA	ENCADERNAÇÃO		CARACTERÍSTICAS
VOLUME	OBSERVAÇÕES		ACABAMENTOS
SINOPSE			
PALAVRAS-CHAVE			
4. CARACTERÍSTICAS CONCEITUAIS			

4 Análise

As considerações feitas na discussão dos dados são embasadas em 1) ficha de análise; 2) entrevista aberta com Elaine Ramos – diretora de arte da Cosac Naify – e; 3) dados obtidos no site da editora.

Livro I | A fera na selva

O projeto gráfico feito por Luciana Facchini busca traduzir a densidade do romance. Várias decisões projetuais colaboram para a imersão na atmosfera da obra de Henry James: a escolha da tipografia, o estreitamento progressivo da entrelinha e a relação entre cores da tipografia e do papel (Figura 3).

Figura 3: Páginas internas do livro A Fera na Selva.



O significado do papel na expressão do conteúdo do livro é evidente. Sua tonalidade escurece a cada dupla de páginas – estabilizando-se no momento em que a “fera” ataca – e a sua gramatura aumenta a cada oito páginas. Esses aspectos acompanham a densidade da narrativa, como afirma Facchini:

A ideia é que o livro torne-se cada vez mais denso, com uma luminosidade outonal, passando da transparência à opacidade, da leveza à densidade. (...) as páginas são cada vez mais difíceis de serem viradas, o texto e o fundo das páginas escurecem, as linhas se estreitam,

os personagens estão envelhecendo e a espera do surgimento da “fera” passa a ser algo cada vez mais insuportável e vazio. (COSAC NAIFY, 2013)

Ao final, há uma inversão das cores: o fundo prateado torna-se preto e o texto preto converte-se em prateado, quando o protagonista passa por um momento revelador sobre sua “fera”.

Livro II | O livro amarelo do terminal

Esse projeto gráfico – cujo título foi dado a partir do papel do miolo – tem uma linguagem própria, caracterizada pelo universo da rodoviária, traduzindo a polifonia e estranheza da narrativa.

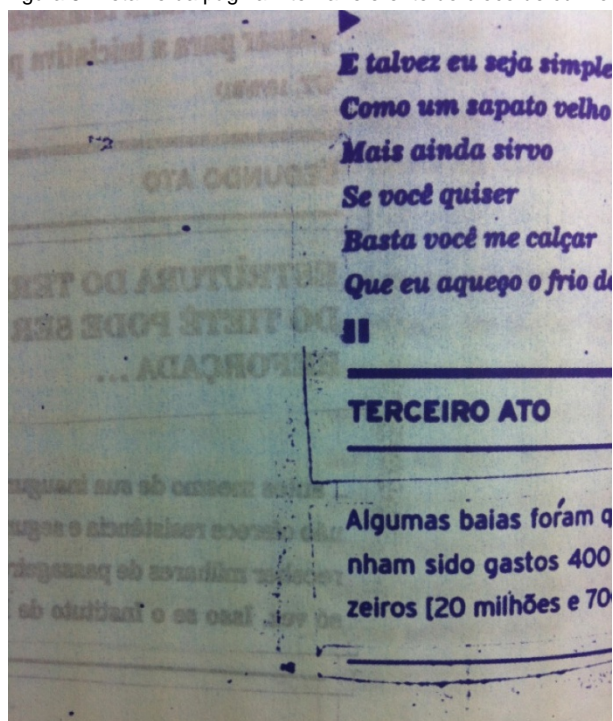
A folha de guarda – um papel roxo de alta gramatura e de baixa qualidade – lembra os papéis usados para embrulho de lanches populares. Já o papel amarelo do miolo cria uma atmosfera ativa – por ser comumente utilizado em placas de trânsito, é associado ao alerta, à expectativa – e remete aos antigos bilhetes de ônibus da empresa Itapemirim. Além disso, a baixa gramatura permite a transparência e sobreposição como recurso gráfico, criando ruídos que lembram o movimento de pessoas (Figura 4).

Figura 4: Páginas internas d' *O livro amarelo do terminal*.



Sobre o papel utilizado no trecho de cunho histórico, Elaine Ramos e Maria Carolina Sampaio – responsáveis pelo projeto gráfico – comentam que ‘optamos (...) por um bloco de páginas de papel auto-copiativo (Figura 5), que leva carbono em sua composição, o que recupera a ideia do papel mimeografado’ e com o manuseio, ficam nele algumas manchas. (COSAC NAIFY, 2013) Por isso, esse papel seria desaconselhado para um livro. Entretanto, o uso comedido contribui para imersão, porque nos remete a quando esse tipo de papel era mais utilizado no cotidiano.

Figura 5: Detalhe da página interna referente do bloco de cunho histórico.



Livro III | *Zazie no metrô*

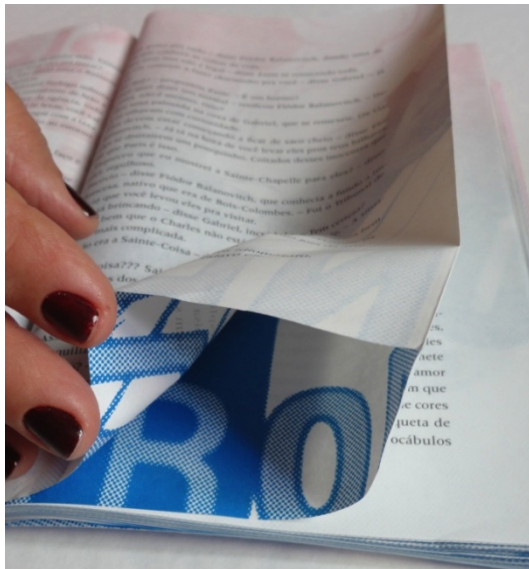
O projeto gráfico de *Zazie no metrô* teve inspiração no filme *Zazie dans le métro*, 1960, de Louis Malle, em que o diretor explora elementos gráficos, sobretudo cartazes tipográficos da época. A transparência do papel bíblia sobrepõe texto e ilustração (cada um impresso de um lado da folha) sem interromper a narrativa, causando apenas um ruído proposital na transmissão da mensagem – enfatizando o estranhamento linguístico proposto pelo autor (Figura 6).

Figura 6: Páginas internas do livro *Zazie no metrô*.



Ao passar as páginas, o leitor adentra nesse universo, porém sempre com o mistério acerca do que há por trás das páginas (Figura 7). Essa sensação se assemelha com a da protagonista: apesar de conhecer Paris, ainda há o desconhecido – o metrô. Além disso, ‘o projeto gráfico dialoga com a ousadia do romance: impresso em papel-bíblia, traz o clima da época com fragmentos de cartazes reproduzidos na parte interna das páginas’ (COSAC NAIFY, 2013)

Figura 7: Detalhe da impressão interna de uma página do livro *Zazie no Metrô*.



Livro IV | Na noite escura

O projeto gráfico foi desenvolvido pelo próprio autor, Bruno Munari, também designer e pesquisador de livros experimentais. *Na noite escura* abre espaço para interação e imaginação do leitor ao se utilizar de diversos tipos de papel para compor a mensagem da obra, mas foi recusado por vários editores por “não conter texto”. No entanto, após sua primeira publicação em 1956, obteve diversas edições. (MUNARI, 2008) Assim, Lee (2012) afirma:

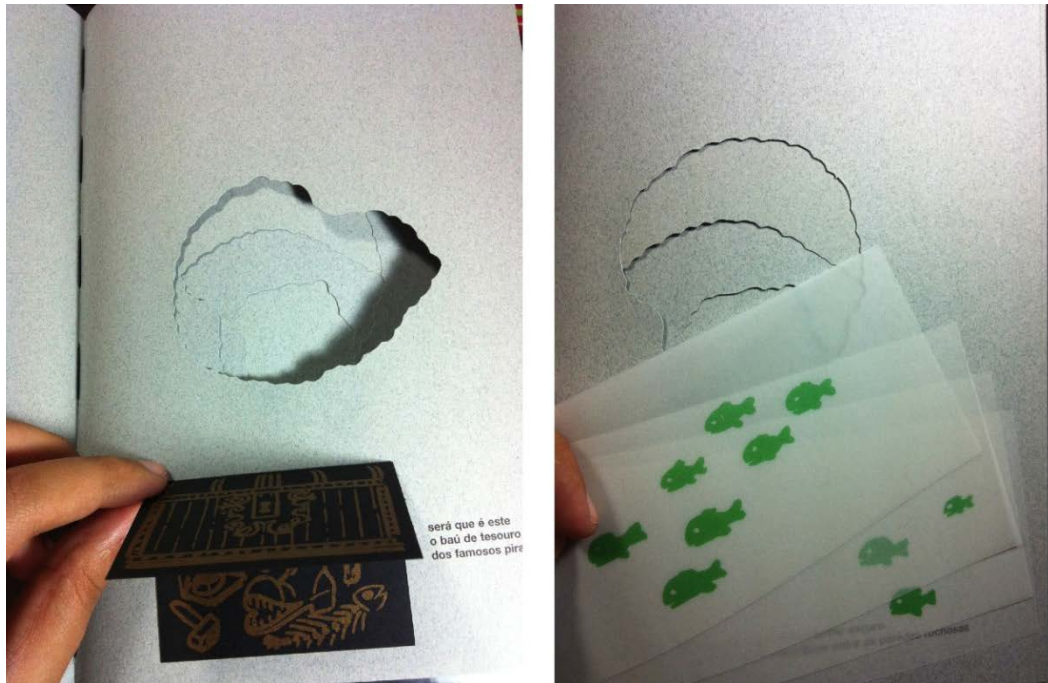
Ainda que o livro não tenha palavras para ler, pode conter mais significado e atrair aqueles que são letrados; ele oferece ao leitor a experiência de criar uma história própria pela montagem de componentes que não o texto conhecido. [...] Esse tipo de livro exige que os leitores sejam participantes ativos. (LEE, 2012)

O livro contém três tipos de papéis fundamentais para a narrativa. O primeiro é o papel preto, que representa a noite. Nas páginas, há ilustrações impressas em azul escuro e um pequeno “furo”, através do qual vê-se um amarelo – ou uma “luzinha”, como descrito no livro. Adiante, vê-se que o amarelo era impresso em papel vegetal – é a luz do vagalume.

Então, as próximas páginas são em papel vegetal, representando a neblina matinal, com sua aparência turva e sua “claridade”. Nesse bloco, a sobreposição das folhas faz com que o leitor descubra o que há por trás do mato verde impresso a cada passar das páginas: gafanhotos, caracóis, aranhas e outros animais.

Por fim, chega-se à gruta: o papel marrakech, com sua textura, representa a pedra. Ao passar as páginas, o leitor tem a sensação de entrar na gruta, pois cada uma tem um corte diferenciado. Nesse bloco, quatro folhas menores de papel vegetal representam um rio subterrâneo: ao folheá-las, a sensação é de entrar nesse rio (Figura 8). Continua-se a caminhar pela gruta até chegar na saída e perceber, através do recorte e do papel preto por baixo, que escureceu.

Figura 8: Páginas internas do livro *Na Noite Escura*.



O papel, portanto, é essencial para o desenvolvimento da narrativa, pois é através dele que a história se desenvolve, sendo o texto um elemento de apoio. As cores, texturas e os vazados são fatores que compõem a transmissão da mensagem do livro, reinventando a relação do leitor com a obra: '*Na noite escura* requer uma leitura sensorial, por meio de diferentes papéis combinados com imagens simples e texto conciso' (COSAC NAIFY, 2013).

V | Design para um mundo complexo

O projeto gráfico reflete o caráter urgente da mensagem do autor: fazer com que o designer passe a enxergar a importância do design. O papel kraft ouro é comumente utilizado em fabricação de envelopes, embalagens que envolvem uma mensagem (Figura 9). Como afirma André Stolarski: 'Se os envelopes contêm mensagens, e se alguns papéis são mais utilizados para a fabricação de envelopes, eles passam também a significar 'embalagem', independentemente de sua configuração como envelope' (COSAC NAIFY, 2013).

Figura 9: Páginas internas do livro *Design para um mundo complexo*.



Ou seja, as convenções desse tipo de papel reforçou a intenção do livro. As falhas do kraft - tonalidade irregular, manchas, furos, impurezas – fazem o artefato se tornar um livro com caráter de guerrilha para carregar consigo, sem medo de “danificá-lo” – evidenciado pelo seu formato pequeno. Além disso, o projeto gráfico do livro teve liberdade, pois seu público é mais tolerante às inovações. ‘Assim, além de reforçar o caráter de mensagem que permeia todo o livro, o projeto induz a outra experiência fundamental: a leitura se produz numa embalagem (a teoria), que se relaciona de forma sempre incerta e incompleta com seu conteúdo (a realidade)’ (COSAC NAIFY, 2013).

7 Considerações finais

Ao ler livros, tem-se a experiência tanto com os olhos quanto com as mãos; ao publicar uma obra, o autor partilha com o designer a responsabilidade do quê e de como foi publicado. Cada decisão tomada pelo designer provoca alguma sensação no leitor. Desse modo, é necessário haver uma conexão harmônica entre os elementos que compõem o livro: a tipografia, a diagramação, a encadernação, as imagens, o papel.

Foi possível esclarecer que a escolha do papel não deve ser aleatória ou arbitrária e que há fatores e características que justificam essas decisões, sejam objetivas ou subjetivas. Nas obras estudadas, ficou evidente que os projetos gráficos utilizaram-se do papel como atuante na transmissão da mensagem, obtendo uma estreita relação entre o papel e o conteúdo textual e imagético. O papel, apesar de internalizado, ainda tem seus tipos e suas características pouco exploradas. Conhecer os diversos tipos e entender as características que os compõem possibilita ao designer maior facilidade no processo de seleção e adequação ao conteúdo da obra.

Este estudo, por fim, expôs que o papel é um comunicador no design de livros e sua escolha coerente pode facilitar a compreensão do leitor e transmitir outras mensagens durante o

seu manuseio. Portanto, espera-se que as informações presentes neste trabalho possam impulsionar a elaboração de outros estudos e aprofundamento sobre o assunto.

Referências

- COSAC NAIFY. 2013. *Blog da Cosac Naif*. Disponível em: <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/> - acesso 15/2/2013.
- DOCTORS, M. 1999. *A cultura do papel*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- FALCÃO, L. & ARAGÃO, I. 2012. *Um estudo entre forma e conteúdo em livros de literatura: uma proposta de análise*. Anais do 10º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Luís (MA)
- LEE, S. 2012. *A trilogia da margem*. São Paulo: Cosac Naify.

Sobre os autores

Gabriela A. F. Oliveira, Mestranda, UFPE, Brasil <gabrielaa.araujo@gmail.com>

Hans N. Waechter, PhD, UFPE, Brasil <hnwaechter@terra.com.br>